

FOLHA DE S.PAULO

ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE

Os semideuses e o vento

Ag. Brasil



A Esplanada dos Ministérios, em Brasília

14/01/2018 02h00

Gilgamesh é um semideus da Mesopotâmia cujas lendas se espalharam por todo o Oriente Médio nos primeiros milênios antes de Cristo. Como costuma acontecer, várias e por vezes divergentes são as versões de sua saga.

Escolho a mais interessante, que não é bem aquela da epopeia de fins do segundo milênio a.C., denominada "Epopeia de Gilgamesh".

A humanidade estava em crise, a corrupção dominava as instituições, governantes não se entendiam, o povo estava revoltado e se alienava. A humanidade solicita então à Assembleia dos Deuses um paladino. Os deuses enviam Gilgamesh, que tiranicamente ataca a corrupção. O paladino torna-se arbitrário, faccioso e arrogante, perseguindo os inimigos de seus amigos. A humanidade volta a clamar aos deuses.

Estes enviam, então, Enkidu, um sócia de Gilgamesh, porém seu antípoda. Um é o reflexo especular do outro. O que um ataca o outro enaltece. O que um prende o outro libera. Porém, não se compensam mutuamente.

Acabam se tornando aliados. E a humanidade sofre com as atuações dos semideuses antípodas, pois as ações de um não neutralizam os malefícios do outro. Um rosna, outro faz beicinho. Um morde, o outro lambe.

A lenda de Gilgamesh e Enkidu, em suas múltiplas versões, não define o destino final desses dois semideuses extemporâneos. Teriam um dia se anulado, um ao outro? Teriam se fundido em um único ente, anulando mutuamente suas perversões? Ou teriam ampliado as suas qualidades maléficas complementares? Teriam, talvez, se neutralizado, como parece ter sido a intenção dos ingênuos deuses?

De minha parte, acho que ainda estão por aí, para infernizar a humanidade. Há até mesmo consistentes evidências científicas de que tenham migrado para o Brasil e de que tenham se empossado de poderes mundanos, continuando sua trajetória intempestiva de maldades.

Mas eis que o povo cansado dos Gilgameshs e dos Enkidus já se prepara para recorrer novamente à Assembleia dos Deuses para lhes implorar que enviem um novo paladino que derrote os dois outros já instalados em seus poderes.

Até hoje a humanidade, e isso desde os tempos mesopotâmicos, não aprendeu que semideuses com semideuses se confraternizam. Que semideuses não contemplam, nem sequer entendem, as aflições do povo. E, pior ainda, não consideram ou nem sequer percebem que, ao apelar à Assembleia dos Deuses por um paladino, abdicam de seu poder maior, que está em suas próprias mãos, nas ruas, no vento, enfim.

É preciso que o povo aprenda que, para se livrar de semideuses desafetos, o melhor remédio é o vento. Somente o vento, apenas o vento é capaz de derrotar os semideuses usurpadores da justiça e da política nacional.

ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE, físico e professor emérito da Unicamp, é membro do Conselho Editorial da Folha e presidente do Conselho de Administração do CNPEM (Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais)

PARTICIPAÇÃO

Para colaborar, basta enviar e-mail para debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Endereço da página:

<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2018/01/1950190-os-semideuses-e-o-vento.shtml>

Links no texto:

debates@grupofolha.com.br
<mailto:debates@grupofolha.com>

Copyright Folha de S. Paulo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha de S. Paulo.